



**GIL, CAETANO E SIMONAL N’O PASQUIM: A VOLATILIDADE DOS CAPITAIS
SIMBÓLICOS**

Givanildo Brito Nunes¹

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida durante o curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O objetivo era identificar os motivos pelos quais os cantores e compositores Gilberto Gil e Caetano Veloso “sobreviveram” às campanhas de estigmatização das quais foram alvos no jornal de humor *O Pasquim*, enquanto que o cantor Wilson Simonal, também vítima de uma campanha desse tipo iniciada na mesma publicação, não “sobreviveu” e teve sua carreira arruinada.

Caetano e Gil começaram a ser hostilizados quando retornaram do exílio, no início dos anos 1970, quando, depois de terem uma relação de proximidade com a equipe d’*O Pasquim*, passaram a ser chamados de “baihunos” (mistura de baianos e hunos), o que queria dizer “invasores”, e a ser cobrados para que se posicionassem publicamente contra a ditadura militar – atitude que eles, mesmo após serem vítimas do regime, relutavam em tomar. Por isso, eram continuamente tachados de “alienados”. No entanto, ambos continuam como figuras de autoridade em seu campo de produção simbólica.

Já Simonal foi execrado pelo jornal após se envolver numa ocorrência policial: foi acusado de encarregar amigos policiais a darem uma surra em seu ex-contador, a quem ele acusava de roubá-lo. O contador fora sequestrado e levado ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops), onde foi torturado. Isso levou a boatos de que Simonal seria “informante” dos órgãos de repressão da ditadura. A partir daí, sua carreira definhou.

Constatou-se, durante a pesquisa, à luz do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu, que essa mudança de reações pode ser analisada de acordo com o volume e a estrutura dos capitais simbólicos que esses artistas apresentavam naquele momento (final dos anos 1960 e início dos anos 1970).

¹ Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, a mesma instituição. Atua como jornalista na Secretaria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Endereço eletrônico: gilbritonunes@gmail.com



Para compreender isso, é preciso considerar a compreensão das posições que esses agentes ocupavam dentro de seus campos de produção simbólica. Enquanto Caetano e Gil haviam passado pela experiência do ensino superior, Simonal teve parca instrução formal: abandonou os estudos ainda na adolescência para trabalhar e ajudar no orçamento de casa, só completando o antigo curso ginásial no início dos anos 1960, quando já era famoso.

Essa comparação diz respeito ao capital cultural, aferido através da educação formal que se comprova com títulos e diplomas escolares. Quando se trata de capital econômico, a diferença se mantém ao comparar a renda financeira de suas famílias de origem: na infância e na adolescência, os baianos não passaram por grandes privações materiais, ao passo que Simonal cresceu em condições muito mais difíceis. E, quando se fala em capital social, aquele com base principalmente em relações sociais que podem se traduzir em recursos de dominação simbólica, a mesma lógica se mantém. Ambos os “Josés” baianos (os pais de Gil e Caetano eram homônimos) eram socialmente vistos como pais de família de classe média: o Teles Veloso, pai de Caetano, era funcionário público dos Correios em Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano; o Gil Moreira, pai de Gil, era médico em Ituaçu e, depois, em Salvador, e, posteriormente, em Vitória da Conquista. A mãe de Simonal, Maria, criou sozinha os filhos, vivendo em favelas do Rio de Janeiro com o dinheiro que ganhava trabalhando como cozinheira. A considerar as circunstâncias sociais, dir-se-ia que os baianos teriam, nesse momento, maior volume de capital simbólico que Simonal.

Mas o capital simbólico não é algo inato, nem têm valores permanentes e imutáveis. Trata-se de algo subjetivo, cuja valorização pode variar a depender das circunstâncias, como num mercado de ações. Trata-se de um valor volátil, que pode modificar suas proporções, para mais ou para menos. Diz Bourdieu:

As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de facto, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). Por exemplo, o volume do capital cultural (o mesmo valeria, *mutatis mutandis*, para o capital económico) determina as probabilidades agregadas de ganho em todos os jogos em que o capital cultural é eficiente, contribuindo deste modo para determinar a posição no espaço social (na medida em que esta posição é determinada pelo sucesso no campo cultural) (BOURDIEU, 1998, p. 134).

Portanto, dentro daquele contexto artístico, político, social e cultural, havia uma polarização entre os que se posicionavam a favor da ditadura militar e os que eram contrários e se manifestavam publicamente. *O Pasquim*, que marcava posição neste



segundo grupo, exigia que todos se comportassem da mesma maneira. Nesse momento, tal polarização ajudou a favorecer a Gil e Caetano, que haviam sido presos e exilados pelo regime, e não a Simonal, que foi acusado de ter ligações estreitas com órgãos de repressão. Os outros motivos, como as diferenças já vistas aqui sobre as naturezas de seus capitais simbólicos, complementam as constatações.

METODOLOGIA

A pesquisa se baseou em análises a partir da consulta a fontes documentais, nas quais se incluíram obras biográficas, tanto publicadas em livro quanto lançadas em formato audiovisual, e outras publicações periódicas, como jornais e revistas. Houve ainda entrevistas *in loco*, com três personagens envolvidos nos embates simbólicos analisados: o cartunista Jaguar, um dos fundadores d'*O Pasquim*, o escritor e jornalista Luiz Carlos Maciel, também ex-colaborador do jornal, e o músico e escritor Jorge Mautner, que também chegou a escrever n'*O Pasquim*, mas teve ligação bem mais intensa com os baianos, com os quais conviveu no exílio em Londres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já vimos em Bourdieu, os capitais nem sempre revelam o valor e a eficiência devidos, de modo a conferir legitimidade ao agente que os detém e a torná-lo uma figura de autoridade, apta a exercer sua dominação simbólica. À medida que foi conquistando seu espaço no campo cultural, Simonal garantiu seu capital econômico ao tornar-se um dos artistas mais bem pagos do país – classificação que também lhe traria consequências negativas. O talento e o carisma o alçaram a figurar entre os mais populares e prestigiados artistas brasileiros.

Mas isso não lhe contou positivamente quando se viu atingido pelos boatos de que seria um colaborador dos órgãos de segurança do regime militar. Pode-se considerar que, quando alegou proximidade com os militares, o cantor talvez procurasse recorrer a um suposto capital social. Mas as supostas “relações sociais” com o regime não lhe serviram positivamente para assegurar nenhuma dominação, muito pelo contrário. Dessa forma,



no embate direto com o capital simbólico d'*O Pasquim*, o capital simbólico de Simonal não foi eficiente para favorecê-lo na disputa de sentidos, enquanto que o dos baianos lhes garantiu “sobrevivência”.

Ao comentar sobre a decadência artística de Simonal e a permanência de Caetano e Gil como figuras de autoridade no campo cultural, o cartunista Jaguar – um dos fundadores d'*O Pasquim* – atribui os resultados dessas lutas simbólicas ao que ele considera um contraste entre características que, à luz de Bourdieu, constituíam os capitais culturais desses artistas:

Não se exige que um cantor tenha um nível intelectual, não é? O Simonal era um mero *crooner*, um excelente *crooner*, como é o Cauby Peixoto. Então, ele não tinha equipamento, não tinha base para fazer sequer um confronto, enquanto os dois [*Gil e Caetano*] são grandes intelectuais. Então, há uma diferença de QI muito grande. É outra turma. Simonal, digamos assim, é o time aspirante. Os outros são Messi, Neymar, Cristiano Ronaldo... É a diferença que existe entre um time de várzea e esses caras. É outro universo. Qual a reação que o Simonal podia ter, primário como ele era? (...)².

Outro ex-colaborador d'*O Pasquim*, o jornalista e escritor Luiz Carlos Maciel prefere creditar a ausência de valor do capital simbólico de Simonal ao fato de este não atender a certos “critérios” que estavam em vigor no mercado do campo cultural nesse dado momento. Segundo ele, a suposta aproximação com a ditadura não o ajudou em nada. E, contrariamente, a postura dos baianos, sim, surtiu-lhes o efeito de que precisaram.

O que mudou tudo foi a revelação de que o Simonal tinha ligações com a ditadura. Foi o fim de Simonal. (...) Todos os caras da área de espetáculos (...) que revelaram muita ligação com a ditadura, caíram. (...) Ele não tinha posição política em relação a nada. Nem filosófica, nem ideológica, nem coisa nenhuma. Ele queria ser um sucesso, só. Ele não tinha comprometimento nenhum. Agora, Gil e Caetano eram artistas críticos. Eles tinham posições críticas. Não só em relação à ditadura, mas em relação aos costumes, à própria ideologia da classe média. E o Simonal, não³.

O cantor, compositor e escritor Jorge Mautner, que também teve seus embates com *O Pasquim* e conviveu com Gil e Caetano no exílio, enxerga outros fatores nas lutas simbólicas entre o tabloide carioca e a dupla de compositores baianos.

2 Entrevista de Jaguar ao autor, em 22 de agosto de 2015.

3 Entrevista de Luiz Carlos Maciel ao autor, em 21 de agosto de 2015.



Hoje, quem continua? Quem são os imortais? E *O Pasquim*, o que é? Nada. (...). Foi movido a racismo, ódio e contra a volta de Gil e Caetano, que era imprescindível para a democratização. E como até a chegada deles [*Gil e Caetano*], eles [*O Pasquim*] é que eram os tais, de repente ficavam com ciúme pessoal, junto com o racismo, e fizeram isso. Só isso⁴.

CONCLUSÕES

Após submeter as relações entre *O Pasquim*, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Wilson Simonal, em pleno auge da ditadura militar brasileira, ao arcabouço teórico fornecido pelas teorias do simbólico de Bourdieu, chegou-se à conclusão de que os capitais simbólicos de Gil e Caetano, naquele contexto, estavam valorizados e, por isso, lhes garantiram legitimidade para reagir à estigmatização feita pelo tabloide carioca. Afinal, ambos foram vítimas da arbitrariedade do regime, o que os punha em posição de destaque junto a *O Pasquim*. Simonal, pelo contrário, era acusado de colaborar com órgãos de repressão – suposição que ainda foi reforçada pelas declarações do artista de que tinha amizades na polícia. Isso acabou por destruir sua reputação e interromper sua carreira artística. Acusado de “dedo-duro” pel’*O Pasquim* e pelas esquerdas, e boicotado por praticamente todos os outros setores, ele jamais se recuperaria. O capital que acumulara até então, de nada lhe serviu.

Levando-se em conta certas consequências práticas que atingiram os agentes envolvidos nestas lutas simbólicas, recorreremos a uma oportuna declaração de Gil – não sem antes ressaltar que certas proporções devem ser guardadas: “Nós fomos vítimas de um lado e o Simonal do outro” (GIL, s.d. apud ALEXANDRE, 2009, p. 211). Portanto, partindo da volatilidade que caracteriza o volume dos capitais simbólicos, não é que os baianos o tivessem e Simonal, não: na verdade, todos eles os tinham, cada um à sua maneira. Mas, dentro do contexto em que analisamos aqui, apenas o de Gil e Caetano revelou, de fato, a eficácia que aparentava possuir.

Palavras-chave: *O Pasquim*. Caetano Veloso. Gilberto Gil. Wilson Simonal.

4 Entrevista de Jorge Mautner ao autor, em 20 de outubro de 2015.



REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, R. **Nem vem que não tem**: a vida e o veneno de Wilson Simonal. São Paulo: Globo, 2009. 392 páginas.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 322 páginas.